

Deságio aumentou com boatos sobre suspensão

Rosental Calmon Alves

WASHINGTON — Os bancos credores do Brasil não estão gostando dos anúncios de que o ministro Maílson da Nóbrega pretende fazer modificações nas atuais regras do jogo para conversão de dívida externa em investimentos do risco no país. A primeira reação do mercado foi uma desvalorização dos títulos da dívida brasileira negociados no mercado secundário de Nova Iorque, enquanto um banqueiro mandava um recado para Brasília: Acho que (os brasileiros) devem consultar muito bem seus advogados, antes de alterar termos contratuais do acordo de reescalonamento da dívida, pois nós vamos consultar os nossos.

Na verdade, antes do feriado de quinta-feira (a sexta foi *enforcada* pela maioria), havia mais especulação do que notícias concretas sobre o que Brasília realmente pretendia fazer. Kenneth Telljoham, da Salomon Brothers, que opera com títulos brasileiros, disse que a mais precisa reação era dada pelo próprio mercado. “Os títulos do Brasil no mercado secundário estavam a 42 (centavos por dólar) e caíram para 39 depois que essas notícias começaram a chegar aqui”, disse ele.

Mercado sensível — Telljoham disse, porém, que o anúncio das mudanças não pegou o mercado de surpresa. “Todo mundo sabia aqui que algo ia ter de ser feito mesmo, pois a inflação alta está ficando incontrolável”, explicou ele, sublinhando que o mercado secundário é extremamente sensível a qualquer notícia ou a boatos que cheguem do Brasil ou dos outros países devedores.

Os títulos brasileiros foram os de maior valor durante boa parte deste ano, devido à demanda criada pelas conversões, mas agora estão atrás dos do México (negociados 42 e três quartos de centavos por dólar) e da Venezuela (40 centavos e meio). Os negócios com títulos brasileiros bateram recorde este ano no mercado secundário, totalizando cerca de US\$ 20 bilhões. Na maior parte dos casos, porém, são os mesmos títulos que vão passando de mão em mão, em operações especulativas, pois se acredita que menos de 10% do total da dívida brasileira com os bancos (US\$ 70 bilhões) esteja de fato no mercado secundário.

Mais perguntas — Um banqueiro integrante do Comitê Coordenador da dívida brasileira, que pediu para não ser citado pelo nome, disse que em toda essa questão das conversões “há muito mais perguntas do que respostas”. Pelas poucas informações que alegava ter, ele parecia convencido, porém, de que as autoridades financeiras brasileiras estavam prestes a romper termos contratuais incluídos no acordo de reescalonamento assinado este ano com os bancos credores.

Há alguns tipos de conversão que não estão incluídas nos contratos. Reconhecemos que o Brasil é um país soberano e pode tomar as decisões que bem entender, mas acho bom se aconselhar com advogados e ler o contrato muito bem antes de mexer nas conversões que estão previstas ali. Se o Brasil romper o contato, os bancos poderão se achar no direito de romper também, disse o banqueiro.

Que retaliações os bancos poderiam adotar? Praticamente só cortar linhas de crédito comercial, de curto ou curtíssimo prazo, o que prejudicaria as exportações e importações brasileiras. Mas isso seria uma verdadeira declaração de guerra, pouco provável de ocorrer. Já existe até um precedente, que foi a decisão do México de suspender as conversões meses atrás. Os bancos ficaram zangados mas não adotaram represálias.